

Mesmo a treva não é treva para ti (Sl 139, 12a): A longa noite escura da COVID-19

*Cleudir José dos Santos*¹

Resumo: Neste trabalho de pesquisa bibliográfica, tratamos da emergência da pandemia da COVID-19 e propomos sua contextualização simbólica, dialogando com alguns autores que iluminam a travessia das trevas representadas pela pandemia. Assim, no percurso do texto introduzimos o simbolismo da noite escura e discutimos sobre as contribuições da teologia simbólica do jesuíta Charles André Bernard à presente abordagem. Levantamos a noção teológica do Reino de Deus como utopia a partir da teóloga Maria Clara L. Bingemer e consideramos algumas reflexões filosóficas e sociopolíticas sobre a pandemia, principalmente em relação aos filósofos Slavoj Žižek e Byung-Chul Han, bem como em referência ao sociólogo Boaventura de Sousa Santos. A articulação dos autores acima indica a imprescindibilidade da fé junto à razão no desafio pandêmico. Finalmente, falamos da oração solene do Papa Francisco, em 27 de março de 2020, como testemunho de sua ação pastoral e profética frente à pandemia. Concluindo, como indicam os estudiosos e ensina o Papa Francisco, o aprendizado da COVID-19 nos convida a começarmos a tecer um futuro em que tenhamos utopia e solidariedade, onde saindo das trevas da morte para a luz de Deus, construamos um mundo de justiça e paz.

Palavras-chave: Pandemia. Pastoral. Teologia simbólica. Trevas. Utopia.

INTRODUÇÃO

Uma pandemia como a da COVID-19 era um temor antigo. Médicos, sanitaristas e epidemiologistas, entre outros, há muito tempo alertavam sobre a possibilidade de um evento desses, tendo em vista nosso modelo atual de sociedade baseada no capitalismo neoliberal financeiro, agressivo com a natureza ao explorá-la de forma predatória e destrutiva, e impiedoso com a humanidade ao impor cada vez mais necessidades de consumo, mas ao mesmo tempo excluindo desse consumo crescente **número** de pessoas, grupos e faixas da população, povos, países e continentes inteiros situados “a sul da quarentena”, expressão elaborada por Boaventura de Sousa Santos (2020, p. 15), segundo ele, não como um espaço geográfico, mas como um espaço-tempo político, social e cultural, metáfora das injustiças de um sistema que sequestra o Estado e deixa suas populações sem possibilidade de proteção.

A pandemia, portanto, mais que uma possível vingança da natureza ou castigo anunciado pelo desregramento humano, torna-se um ponto de inflexão na história, ou tomamos o momento para correção, aprendizagem e mudanças ou a barbárie capitalista se acentuará.

Assim, este trabalho se propõe a trazer algumas contribuições da teologia simbólica à reflexão, partindo da emergência viral, passando pelo simbolismo da noite escura da COVID-19, pela poesia e lirismo da utopia do Reino de Deus prenunciado no hino pascal

¹ Doutorando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) de Belo Horizonte. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). cleudir.santos@hotmail.com

Exultet, mas também percorrendo a noção teológica do Reino de Deus como utopia a partir da teóloga Maria Clara L. Bingemer e considerando algumas reflexões filosóficas e sociopolíticas sobre a pandemia, principalmente em relação aos filósofos Slavoj Žižek e Byung-Chul Han, bem como em referência ao sociólogo Boaventura de Sousa Santos, até chegar ao solene e magistral ensino pastoral do Papa Francisco.

1 A EMERGÊNCIA VIRAL

No princípio da pandemia da COVID-19 fez-se a incredulidade e a dúvida. A partir da cidade de Wuhan, na China, ao final do ano de 2019, enquanto médicos alertavam para um surto de doença respiratória com sintomas graves, o Governo Chinês rapidamente movimentou sua poderosa máquina político-ideológica para dar conta da emergência viral. Foi pela leitura desses movimentos que o nosso mundo globalizado e informatizado, quase em tempo real, tomou conhecimento da chegada do vírus já prenunciado.

Os passos seguintes foram de aturdimento e pânico das autoridades mundiais, afinal tanto podia ser uma reação típica de força do governo chinês frente a uma ameaça à saúde pública local, portanto em vias de controle, como podia ser a origem de uma pandemia, algo difícil de controlar e fatal. Na dúvida e na desconfiança, mormente alimentadas por ideologizações políticas, quanto mais à direita fossem, prevaleceu a argucidade das autoridades médicas, sanitárias, epidemiológicas e científicas em geral, tantas e diversas mundialmente foram as análises abalizadas, que um sinal de perigo rapidamente percorreu o mundo.

De fato, desde dezembro de 2019, quando o vírus começou a ser plenamente noticiado, ele passou de surto em Wuhan, tornando-se logo epidemia quando escapou da cidade, tendo sido declarado pandemia pela Organização Mundial de Saúde em 11 de março de 2020.

Da incredulidade e dúvida o mundo passou ao preconceito, um instante cruel e doloroso na percepção da emergência viral. A capa do livro de Giorgio Agamben *et al*, intitulado *A Sopa de Wuhan*, retrata bem essa questão, pois mostra morcegos em destaque. Não bastasse isso, a primeira página exibe unicamente o desenho de um prato de sopa. A ideia remete à primeira suposição da origem do vírus e à consequente contaminação humana. Tudo teria começado no mercado de Wuhan, onde eram comercializados animais silvestres e exóticos, sem maiores cuidados sanitários, para consumo ao gosto dos chineses. A pecha, talvez ante a própria gravidade e força do fenômeno viral, não vingou, embora a capa do livro permaneça como chamada à reflexão **ética** afim. Mas o símbolo da Sopa de Wuhan nos coloca no limiar da obscuridade, no ponto em que a teologia simbólica pode nos dizer algo sobre a terrível calamidade que desde então se adensou sobre a humanidade e há mais de um ano cobra seu preço em vidas.

2 A NOITE ESCURA DA COVID-19

O surgimento do novo coronavírus a partir China assomou a humanidade como um rápido entardecer de inverno, tão nebuloso e frio que por si mesmo já anunciava sobre a noite, ventos gélidos, escuridão, silêncio e recolhimento. O simbolismo dessa linguagem vem a propósito de algumas considerações teológicas que faremos num esforço de racionalização e ressignificação de como percebemos a COVID-19 em nossos corações e vidas, e dessa forma nos perguntamos pela presença de Deus também nesse momento tão anormal, agressivo e difícil, onde a humanidade clama a Deus.

A teologia simbólica nos informa que a imagem é um recurso privilegiado para exprimir a realidade espiritual. Assim testemunham toda a Bíblia e os místicos. Os símbolos pertencem ao campo da atividade imaginativa do homem e é a função simbólica que lhe permite um espaço vital de relações entre suas funções subjetivas e os pulsos ou ações objetivas do seu mundo exterior ou circundante. Desse modo, a atividade simbólica diz respeito ao espírito e se constitui em um prolongamento sobre as experiências sensíveis. A linguagem simbólica, por sua vez, nos conduz a partir do significado de algo conhecido, para o conhecimento de outra realidade correspondente e escondida. Mas os símbolos sempre guardam ambiguidades e pluralidade.

O símbolo da noite escura da COVID-19 nos diz então muito mais do que a ideia sobre o desaparecimento da luz ante o alastrar da pandemia. As trevas nos impedem a visão e dessa forma “aumentam a consciência do perigo e, portanto, as sensações desagradáveis de temor e angústia: medo de animais selvagens, de morcegos, dos menores ruídos, de cair num buraco... aumentam, portanto, a necessidade de proteção” (GIRARD, 2005, p. 239). A conotação da imagem da escuridão é a da própria morte e do mal agindo na obscuridade, com impiedade e terror.

Impossível não observar que a definição do Padre Marc Girard acima lembra muito a capa do livro Sopa de Wuhan, com seus morcegos que, afinal, estariam na composição da própria sopa. Nada mais elementar quanto à noção de linguagem simbólica e ao mesmo tempo sinistro pela coincidência.

Mas os símbolos, como vimos, comportam ambiguidades, de modo que as trevas antagonicamente prenunciam o dia claro e nos conduzem à luz no sentido da realidade de Deus, cuja presença é luz e vida para alma. Os símbolos ao mesmo tempo em que exprimem a realidade espiritual, de fato a comunica e a faz presente, sobretudo naqueles que exercem sua fé em Cristo e participam dos sacramentos e da oração.

A atividade simbólica, não obstante sua subjetividade, parte do homem e de sua realidade concreta no mundo. Entender a estruturação da expressão simbólica permite uma melhor compreensão das Sagradas Escrituras, dos místicos e, por extensão, favorece a percepção de valores espirituais por vezes esquecidos ou não vistos. Partindo da presença do homem no mundo os símbolos trazem consigo toda uma carga estética e afetiva. Tal é a riqueza da

linguagem simbólica que, “De fato, deve-se notar que, por meio da Escritura e dos sacramentos, os símbolos são elevados à dignidade de instrumentos da vida da graça.” (BERNARD, 1984, p. 13, tradução nossa).

Neste ponto entramos propriamente no campo da consciência e da fé cristã onde, malgrado a noite escura e seu silêncio mortal, é nesse momento tenebroso mesmo que Deus vem fortalecer a alma e lhe comunicar sua paz. Deus fala no silêncio. E a noite aqui também significará tempo de gestação e mudança que deverá trazer o dia pleno de vida. É como na noite pascal em que o pecado e a morte são vencidos e Cristo ressuscita vitorioso.

Na doutrina de São João da Cruz, conforme explica o Padre Charles André Bernard, teólogo jesuíta estudioso das teologias simbólica e afetiva, o tema da luz põe em relevo uma nova vida espiritual que ressoa na consciência, simbolizando o despertar e a revelação, conforme assim resumido:

se, em si, a vida divina é luz para a alma, não obstante investe a consciência mergulhando-a na noite. E, reciprocamente, a noite chama o amanhecer e o dia que vai amanhecer. Este tema sustenta o lirismo extraordinário do hino da ressurreição que canta a noite bendita em que a vida voltou a explodir: “a noite como o dia se iluminará” (Sl 139,12), e a noite será “a minha iluminação e as minhas delícias” (Sl 139,11): “E a noite será leve sobre mim” (Hino pascal *Exultet*; BERNARD, 1984, p. 268-269, tradução nossa).

Conforme prossegue explicando em sua obra Teologia Simbólica, “Esta é a noite de Páscoa da qual todo cristão deve participar” (BERNARD, 1984, p. 278, tradução nossa), porque nessa noite Cristo rompe os laços da morte e ressuscita, iluminando agora todo o universo que volta à graça, enquanto nos torna partícipes de sua santidade, preenchendo-nos de esperança sobre a plenitude da realização do Reino de Deus.

3 “E A NOITE SERÁ LEVE SOBRE MIM”: UTOPIAS, REFLEXÕES E ESPERANÇAS SOBRE A PANDEMIA

Os cristãos já foram reconhecidos outrora como aqueles que não temiam a morte, tendo em vista que seguiam a Cristo, o Vivente. Todavia, nesses tempos de pandemia, o medo da contaminação e morte nos confronta até mesmo com o primeiro medo, o medo de Deus. E assim nos questionamos em nossa fé e nos contristamos ante nossas misérias e vulnerabilidades. Mas não seríamos verdadeiros cristãos se em tudo não nos apresentássemos diante de Deus e se não ouvíssemos nossos padres, sábios e cientistas, porque todos eles, em diferentes medidas, nos apresentam suas reflexões conforme o dom que Deus lhes deu.

Nesse sentido exploraremos brevemente algumas colocações da teóloga e professora Maria Clara L. Bingemer sobre a utopia do Reino de Deus, veremos considerações de dois filósofos, Slavoj Žižek e Byung-Chul Han, que têm posições opostas, bem como de um

intelectual da sociopolítica, Boaventura de Sousa Santos, estes três **últimos** falando sobre os impactos da COVID-19 na organização do mundo. Por último, situaremos em item específico o posicionamento do Papa Francisco, em razão de sua autoridade pastoral.

Para a professora Maria Clara o projeto do Reino de Deus é uma utopia. E para realizá-lo não bastam apenas a caridade assistencialista e as boas relações interpessoais, que embora importantes, não transformam a sociedade. Para as exigências do Reino de Deus “É preciso chegar até a solidariedade, a igualdade verdadeira, a fraternidade incondicional, em um sistema de convivência que faça tudo isso realmente possível e viável” (BINGEMER, 2008, p. 61).

A utopia, conforme a professora, é algo que ainda não tem lugar e ainda não acontece. Não obstante, a utopia deve ser entendida como antecipação de um futuro justo e digno para o ser humano. Na verdade, a utopia ativa forças de transformação e desse modo funciona como motor da história. É nessa perspectiva que os cristãos, pela fé, podem continuar sempre na realização do projeto do Reino de Deus. Ainda que saibam que será sempre um projeto utópico, continuarão buscando o bem das pessoas, para além das possibilidades sempre ambíguas e limitadas dos sistemas político-econômicos históricos.

O filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Zizek, na mesma direção desse reino utópico, pensando sob a influência de Karl Marx e Jacques Lacan, nos fala também da urgência de uma solidariedade incondicional cuja possibilidade estaria sendo aberta pelo ataque do vírus. Na esteira da COVID-19, que despertou ideologias e nacionalismos encobertos, conforme Zizek, talvez se levante um outro vírus ideologicamente humanitário que, “muito mais benigno, também se alastre e, com sorte, infecte a todos nós: o vírus de começarmos a pensar em possibilidades alternativas de sociedade, possibilidades para além do Estado-nação, que se efetivem sob formas de cooperação e solidariedade globais” (ZIZEK, 2020, p. 29).

Para Zizek a epidemia do coronavírus coloca em xeque a globalização de mercado, o populismo nacionalista e o capitalismo financeiro. Criticado e ridicularizado por suas posições que reinventam o comunismo, o filósofo nos adverte contra a ameaça da barbárie pós-pandemia, na figura de um novo capitalismo ainda mais agressivo com os trabalhadores, idosos, doentes e vulneráveis. Essa é a preocupação.

Byung-Chul Han, filósofo e ensaísta sul-coreano radicado na Alemanha, diferentemente de Zizek, postula que o vírus não vencerá o capitalismo. Para ele a pandemia encaminha a humanidade para uma situação tecnológica distópica de maior controle e sujeição das pessoas, de forma que o vírus fortalecerá o neoliberalismo, instaurando o estado de exceção previsto por Giorgio Agamben ao irromper da crise.

Apesar de predizer essa vantagem inicial para o sistema econômico ora dominante, Byung-Chul Han acredita que depois do vírus os seres humanos poderão assumir seu protagonismo e repensar o sistema do capitalismo destrutivo “para nos salvar, para salvar o clima e nosso lindo planeta” (AGAMBEN *et al*, 2020, p. 111, tradução nossa).

Boaventura de Sousa Santos, sociólogo e intelectual português de destacada produção sociopolítica, por sua vez, elabora uma análise sobre a pedagogia do vírus, onde mostra que “A ideia conservadora de que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo em que vivemos cai por terra” (SANTOS, 2020, p. 6). A pandemia, segundo o autor, tem a força de trazer alternativas à discussão, sendo que o futuro da civilização será determinado por como interpretarmos a situação.

Nossa sociedade está assentada sob o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado e esses modos de dominação precisam ser revistos, explica Boaventura, porque é urgente voltarmos a atenção para as mulheres, que embora sejam “as cuidadoras do mundo”, são discriminadas. Temos que resolver a escandalosa situação dos trabalhadores precários, das populações de rua, dos moradores das periferias, dos refugiados e imigrantes, dos deficientes e dos idosos. Estes são apenas alguns grupos que a quarentena visibiliza, reforçando o sofrimento, a injustiça e a exclusão social em que vivem.

A pedagogia do vírus, entretanto, nos deixa suas primeiras lições, conforme lista Boaventura (2020, p. 22-28): 1) O tempo político e mediático condiciona nossa percepção de riscos e não nos atentamos para a crise ecológica, por exemplo, que já é irreversível; 2) As pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto se julga, mas atinge principalmente os empobrecidos e vulneráveis; 3) Enquanto modelo social, o capitalismo não tem futuro. A pandemia está a nos revelar que as políticas neoliberais minam a capacidade de atuação do Estado e as populações ficam indefesas; 4) A extrema-direita e a direita hiper-neoliberal ficam definitivamente (espera-se) descredenciadas. Não existe a possibilidade de um capitalismo de rosto humano; 5) O colonialismo e o patriarcado estão vivos e reforçam-se nos momentos de crise aguda; 6) O regresso do Estado e da comunidade, porque o capitalismo neoliberal incapacitou o Estado para responder às emergências.

Na análise de Boaventura, somente uma nova articulação entre os processos políticos e os processos civilizatórios, simbolicamente separados com a queda do muro de Berlin, nos permitirá vencer a atual ordem capitalista hegemônica e predatória. E a natureza precisa ser incluída nessa discussão.

Vale anotar que teólogos, filósofos, cientistas políticos, intelectuais e pensadores em geral, incluindo Slavoj Žižek, Byung-Chul Han, Giorgio Agamben e Boaventura de Sousa Santos, frente à persistência da pandemia, estão continuamente ampliando, discutindo e eventualmente revendo seus estudos. No contexto deste artigo, semelhantemente, a finalidade também é a reflexão. Além disso, pela articulação dos diversos autores, fica clara a imprescindibilidade da fé junto à razão no desafio pandêmico.

4 A ORAÇÃO DO PAPA FRANCISCO

“É chegada a noite” (Mc 4, 35). Assim começa o Evangelho que ouvimos. Durante semanas, parece que a noite caiu. A escuridão te-

nebrosa se adensou sobre nossas praças, ruas e cidades; elas tomaram conta de nossas vidas, enchendo tudo com um silêncio ensurdecador e um vazio desolador, que paralisa tudo que passa: você pode sentir isso no ar, você pode sentir nos gestos, os olhares dizem. Ficamos assustados e perdidos. Como os discípulos do evangelho, fomos pegos de surpresa por uma tempestade inesperada e furiosa. (FRANCISCO, 2020b, “não paginado”, tradução nossa).

Em 27 de março de 2020 o Papa Francisco adentrou sozinho a Praça de São Pedro em ato solene e extraordinário, *Urbi et Orbi*², de oração para todo o mundo. Suas primeiras palavras acima, sobre a leitura do Evangelho, levantaram exatamente o símbolo da noite escura. “É chegada a noite” (Mc 4,35). Na sua condição de pastor de toda a Igreja e líder religioso mundial, ele tinha dois objetivos, sugerir direções frente à crise para reconstrução de um mundo melhor e trazer esperança em meio ao sofrimento e desconcerto impostos pela pandemia.

Exortando a humanidade ao arrependimento e à confiança em Deus, o Papa Francisco nos fez ainda duas perguntas do Evangelho, “Por que tendes medo? Ainda não tendes **fé**?” (Mc 4,40). Não que tenhamos uma resposta pronta, mas foi com esperança e caridade que introduzimos no item 2 um comentário ao hino pascal *Exultet*, para dizer que, mediante a fé, a noite seria leve sobre nós, não obstante o medo, porque, uma vez prevalecendo o temor a Deus, deveríamos refletir a partir pandemia sobre nossas possibilidades e perspectivas econômicas e político-sociais, bem como sobre nossa vida espiritual. Nesse sentido o Papa Francisco tem se mantido absolutamente profético em suas atitudes pastorais frente à COVID-19.

CONCLUSÃO

Quando introduzimos neste trabalho um apelo aos ensinamentos da teologia simbólica frente à pandemia, tínhamos em mente uma pergunta pela apropriação da resposta à teologia pastoral, urgente nesses tempos. Pois bem, no percurso realizado desde a emergência viral e adentrando pela noite escura da COVID-19 que se abateu sobre a humanidade, referenciamos com fé e esperança o hino pascal *Exultet*, cuja reflexão nos conduziu do medo à utopia do Reino do Reino, conforme nos indicaram em forma de possibilidades os estudiosos que abordamos e, por fim, nos ensinou de forma magistral o próprio Papa Francisco, retomando o simbolismo da noite escura no momento mais solene e extraordinário do seu papado até agora.

Assim como o Papa Francisco procura semear fé e esperança em meio ao sofrimento e desconforto provocados pela COVID-19, chamando todos ao desafio do bem comum, os estudiosos e autores que abordamos neste artigo também se alinham ao seu magistério, na medida em que apontam vulnerabilidades do nosso sistema econômico-social,

2 *Urbi et Orbi* é uma locução adverbial latina, “à cidade de Roma e ao mundo, a todo o universo”. É a bênção de Páscoa e Natal, com as quais o Papa se dirige ao público em geral na Praça de São Pedro. Em 27 de março de 2020, em razão da COVID-19, foi uma mensagem extraordinária.

demonstrando a necessidade, em âmbito mundial, de novos reposicionamentos políticos com visão humanitária.

A noite escura da COVID-19, portanto, nos convida a começarmos a tecer um futuro no qual a solidariedade, a caridade e a utopia sejam os marcos orientativos das nossas vidas e das nossas sociedades. Que possamos vencer a pandemia e finalmente sair das trevas da morte para a luz de Deus e, iluminados pela sabedoria divina, construamos um mundo de justiça e paz.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. et al. *Sopa de Wuhan – Pensamiento Contemporaneo em Tiempos de Pandemias*. Editorial: ASPO, 2020.
- BERNARD, Charles André. *Teologia simbólica*. Roma: Paolini, 2ª. ed. 1984. Disponível em <<http://www.amicidipadrebernard.org/wp-content/uploads/2019/05/Teologia-simbolica-compresso.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2021.
- BINGEMER, Maria Clara L. *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias Glorioso*. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2008.
- FRANCISCO, Papa. *La vida después de la pandemia*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020a.
- FRANCISCO, Papa. *Momento de Oração*. Praça de São Pedro. 27 mar. 2020b. Disponível em <<https://f.e.va/statioorbis/it/>>. Acesso em: 07 abr. 2021.
- GIRARD, Marc. *Os Símbolos na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2005;
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.
- ZIZEK, Slavoj. *Pandemia – COVID-19 e a reinvenção do comunismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.